

Editorial

EM ESTADO DE GUERRA

Cinco dos dez suspeitos de participação no assassinato do torcedor cruzeirense Otávio Fernandes, de 19 anos, no dia 27 último, apresentaram-se na tarde de ontem à polícia, horas depois de terem sua prisão preventiva decretada. Um sexto, diretor da Galoucura, foi preso no sábado. Os demais são considerados foragidos. Segundo a polícia, todos estão direta ou indiretamente envolvidos na morte do torcedor. Foram identificados por meio das imagens gravadas pelas câmeras de segurança do estabelecimento onde se deu a briga entre torcedores atleticanos e cruzeirenses. Para a polícia, as imagens são provas objetivas. Entre os acusados está o presidente da Galoucura. Ele seria responsável diretamente pelo não-cumprimento de um Termo de Ajustamento de Conduta, firmado em abril de 2009, que estabelecia a pacificação das torcidas, e não entregou ao Ministério Público Estadual o cadastro de seus filiados. Por causa disso, o MPE proibiu, na semana passada, por 120 dias, a entrada nos estádios de todo o país das torcidas dos dois principais clubes mineiros com objetos que possam identificá-los ou fortalecê-los, exceto as camisas. A punição é certamente ineficaz, tendo efeito ainda brando. Em contrapartida, as torcidas alegam que não são responsáveis pelo comportamento de seus torcedores. Por isso, deram entrada no Supremo a uma Ação Direta de Inconstitucionalidade (Adin), questionando pontos do Novo Estatuto do Torcedor, e são apoiadas pela CUT na fundação de uma federação. Os fatos são, no entanto, contundentes o bastante para responsabilizá-las. Nos últimos cinco anos, houve oito mortes de torcedores só em Minas. Da última vez, atleticanos mataram um cruzeirense. Mas o contrário poderia se dar, já que essas duas torcidas se tratam não como adversários, mas, sim, como inimigos. É preciso dar um basta a isso. Nenhuma morte se justifica, muito menos por um clube de futebol.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline de Almeida Reskalla

EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves
Fotografia: Leonardo Lara

O.PINIÃO

Duke



Duke
www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatima.oliveira1953@gmail.com

A ocupação da Seppir por Luíza Bairros significa um novo tempo?

A carta de alforria em benefício do povo negro brasileiro

Leo a indicação da socióloga Luíza Bairros como a carta de alforria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir).

Luíza Bairros não precisou do meu apoio para ser indicada ministra do governo Dilma Rousseff. Nem eu esperava que precisasse. Entendo como prerrogativa presidencial escolher livremente quem ocupa qualquer cadeira de seu ministério, pois ser ministra (o) é cargo de confiança da chefia do Executivo.

Aliás, eu não me dou nenhum milímetro a mais de importância, além da condição de cidadã. E está de bom tamanho. Logo, não me arvo de querer ser a régua de qualquer escolha do primeiro ou do último escalão da Presidência da República.

Todavia, na condição e a partir do meu olhar de cidadã, exerço o direito de externar a minha opinião, inclusive sobre a composição ministerial. Numa boa!

Quem credenciou Luíza Bairros para ocupar a Seppir foi a sua ilibada história de vida, sua dedicação descomunal à luta feminista e antirracista, desde que eu a conheço, nem sei de quando, mas faz tempo... A Seppir está em boas mãos. A notícia é alívio e alvíssaras.

Parabenizo a presidente pelo acertado tino da escolha de uma ministra da categoria moral, técnica e política de Luíza Bairros. Ao escolhê-la, Dilma Rousseff fez um gol de placa. Se há um “ministério da Dilma” que será ocupado (e o termo é “ocupação”...) por quem entende do riscado de sua pasta é a Seppir... Ela e Dilma Rousseff são parecidíssimas: firmes como rochas e dotadas da inquebrantável têmpera do bambu. Se o passado de alguém é parâmetro

para especular sobre o futuro, antevejo novos tempos para a Seppir, sobretudo o cumprimento do seu papel original. E nunca mais o vergonhoso e repugnante amontoado de caixinhas de interesses de algumas forças políticas que atuam no varejo e desordenamente; cada uma mandando em sua semana; os deuses e o diabo tomando conta do resto; e servindo de chacota na Esplanada dos Ministérios – não só por racismo em seu sentido lato, mas também pela escassa habilidade técnica e política de grande parte de ocupantes de cargos de DAS

Nunca mais o vergonhoso e repugnante amontoado de caixinhas de interesses de forças políticas que atuam no varejo

não desprezíveis!

A minha expectativa é que o tempo Seppir-gueto-latifúndio está morto e sepultado! E Luíza Bairros sabe perfeitamente do que falo. Se eu a conheço bem, assistiremos a uma refundação da Seppir. Como negra liberta e ativa, de tutano nas pernas e cabelo na venta, dará tchau caso não tenha apoio presidencial irrestrito para mandar em seu pedaço – da escolha de pessoas confiáveis para o provimento dos cargos a não emprestar o prestígio do seu nome para acobertar quem não dá conta do recado, pois a sua reputação não foi escrita nas dunas.

Está dada a largada da corrida pelas disputas de cargos na Seppir por quem acha que só perdeu os anéis e quer conservar os dedos. E ela será bruta, sem dó e sem senso de limites. Segura, Luíza!

Das montanhas de Minas, penso que chegou a hora de a Seppir fazer política: mandar convalescer em casa quem teve os dedos decepados e montar uma equipe de excelência para tornar a Seppir um espaço, no Executivo federal, de poder de prestígio que lê a realidade sob a perspectiva antirracista; elabora e propõe políticas de combate ao racismo para os demais ministérios, ao mesmo tempo em que monitora as ações da alçada de cada um. Se o governo Dilma pensa assim, indicou a pessoa talhada para tanto.

Luíza Bairros tem o perfil de quem pode concretizar a carta de alforria da Seppir em benefício do povo negro brasileiro.



DUKE